



## A HISTORICIDADE DO PARTILHANTE COMO BASE DE TODO PROCEDIMENTO EM FILOSOFIA CLÍNICA

### *L'HISTORICITÉ DU PARTAGEUR COMME BASE DE TOUTE PROCÉDURE EM PHILOSOPHIE CLINIQUE*

Josué Julien\*

#### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar aspectos e elementos que mostram como a historicidade pode ser considerada a base de todo procedimento em filosofia clínica. Para a estruturação deste trabalho foi realizado pesquisas bibliográficas analisando as definições de historicidade e como ela constitui a base de todo o processoclínico a partir dos recortes das obras de Lúcio Packter, José Gabriel e Márcio José, Rose Pedrosa, Marta Claus, Margarida Nichele Paulo e Mariza Zambom Niederauer e Will Goya.

**Palavras-Chave:** Filosofia Clínica; historicidade; terapeuta; Lúcio Packter.

#### RÉSUMÉ

*Cet article a pour objectif de présenter des aspects et éléments qui montrent comment l'historicité peut être considérée comme la base de toute procédure en philosophie clinique. Pour élaborer ce travail, des recherches bibliographiques ont été effectuées, pour montrer en analysant quelques définitions de l'historicité, comment elle constitue la base de toute la procédure clinique à partir des œuvres de Lúcio Packter, José Gabriel e Marcio José, Rose Pedrosa, Marta Claus, Margarida Nichele Paulo e Mariza Zambom Niederauer e Will Goya.*

**Mots clés:** Philosophie clinique; historicité; thérapeute; Lúcio Packter.

## 1 INTRODUÇÃO

A filosofia nasceu há mais ou menos 2500 anos. E um dos seus objetivos é oferecer ao ser humano uma metafísica que o tranquilize diante das contradições e contingências existenciais. Reconhecendo que se depara com questões existenciais que não tem respostas científicas, abrangendo as questões existenciais, o ser humano vai em busca dessas respostas nas diversas áreas de conhecimento, das ciências humanas e terapêuticas para poder melhor conviver com essas questões existenciais tão diversas do seu dia a dia.

Pensando nisso e experienciando a necessidade de uma abordagem terapêutica mais inclusiva que trabalhe com a singularidade e descarta os conceitos de: normalidade, patologia, doença e outras psicopatologias, e que veja o ser humano como um outro não qualquer outro mas um outro único e completo, que Lúcio Packter, sistematizou o que ele chama de Filosofia Clínica.

Essa abordagem terapêutica, baseada na própria filosofia, usa o conhecimento filosófico para o uso terapêutico, buscando entender, compreender o outro dentro da sua amplitude e na sua singularidade. Para chegar a esse objetivo que é ajudar o ser humano



nestas questões existenciais, o sistematizador estabeleceu um percurso, um caminho por assim se dizer a ser seguido pelo terapeuta. Este percurso é formado de várias etapas todas subordinadas a Historicidade e a partir dela:

- I) dados divisórios;
- II) enraizamento;
- III) base categorial;
- IV) estrutura de pensamento;
- V) planejamentos clínicos;
- VI) submodos.

Este trabalho não irá adentrar nessas etapas, no entanto, vai tratar o tema da historicidade, apresentando aspectos e elementos que mostram como ela pode ser a base de todo o processo da filosofia clínica. Por fim, o artigo vai ser constituído de dois capítulos, onde os mesmos se desdobram em respectivos subcapítulos. O primeiro tratará de uma breve explicação sobre a filosofia e uma explicação e definição, um pouco mais abrangente, sobre filosofia clínica. Neste mesmo capítulo será tratado sobre quando se inicia a clínica e quais suas etapas. Já o capítulo dois vai tratar da historicidade e esta como base da clínica.

## 2 A FILOSOFIA E A FILOSOFIA CLÍNICA

Um termo/palavra é um polissêmico, ou seja, pode assumir vários significados e pode ser definido de diferentes formas de acordo com a pessoa que o define e também de acordo com o contexto. Nesta perspectiva, nenhum autor ou especialista de uma determinada área, fala ou disserta sobre um determinado assunto, sem ter conhecimento do mesmo. Por esta razão, alguns termos/conceitos serão definidos e contextualizados, na sequência deste trabalho.

### 2.1 A FILOSOFIA

A filosofia por ser um movimento do intelecto se diferencia das outras áreas do saber se faz presente em todos os espaços do conhecimento humano, como relata Jean François Revel, filósofo e escritor francês contemporâneo:



*La philosophie s'étend à tous les domaines de l'action et du savoir, elle peut et doit contenir le système complet des connaissances, ce système peut et doit atteindre à la perfection en même temps qu'à l'universalité. Tout le système du savoir tel que Descartes l'a décrit, est tiré, par une opération purement intellectuelle, d'un petit nombre de principes a priori estimés évidentes<sup>1</sup>. (Revel, 1970, p. 128).*

Segundo Raymond-Robert Tremblay, em um artigo publicado no site da *encephi*:

*La philosophie est une discipline intellectuelle qui utilise des méthodes qui se veulent rationnelles et critiques. Elle travaille avec des concepts abstraits et tente de définir de grands principes généraux et de répondre aux questions fondamentales de la vie et de la mort, du sens de l'existence, des valeurs individuelles et sociales, de la nature du langage ou de la connaissance et du rapport que nous avons avec les choses elles-mêmes<sup>2</sup>. (Tremblay, 1994, p. 7).*

O autor descreve as operações básicas, as ferramentas preferidas, usadas em filosofia, bem como, o nível de abordagem realizada pela mesma (2º nível):

*En philosophie, les opérations de base sont : informer, problématiser, conceptualiser, juger et argumenter. Ses outils privilégiés sont l'analyse (l'analyse conceptuelle, l'analyse logique ou linguistique), la synthèse, la critique, la dialectique (la discussion critique). En général, les philosophes n'abordent pas les questions au premier degré, directement, comme le commun, mais à un second niveau, plus général et plus abstrait, car ils doivent toujours ramener les questions au plan des principes (des valeurs de base, des choix méthodologiques fondamentaux, des postulats ontologiques ou gnoséologiques)<sup>3</sup>. (Tremblay, 1994, p. 7).*

Observa-se que, para Tremblay, a filosofia se opõe de fazer as pontuações, *a priori*, ou seja, ela evita as questões/respostas pré-estabelecidas. Antes de emitir qualquer ponto de vista, a filosofia tem como função a análise com profundidade sobre as questões por ela abordadas.

<sup>1</sup> “A filosofia estende-se a todos os campos da ação e do conhecimento, pode e deve conter o sistema completo do conhecimento, este sistema pode e deve atingir a perfeição ao mesmo tempo que a universalidade. Todo o sistema de conhecimento, como Descartes o descreveu, é extraído, por uma operação puramente intelectual, de um pequeno número de princípios a priori considerados óbvios”. Traduzido pelo autor.

<sup>2</sup> “A filosofia é uma disciplina intelectual que usa métodos que pretendem ser racionais e críticos. Ela trabalha com conceitos abstratos e tenta definir princípios gerais amplos e responder a questões fundamentais da vida e da morte, o significado da existência, os valores individuais e sociais, a natureza da linguagem ou do conhecimento e a relação que temos com as próprias coisas”. Traduzido pelo autor.

<sup>3</sup> “Em filosofia, as operações básicas são: informar, problematizar, conceituar, julgar e argumentar. Suas ferramentas preferidas são a análise (análise conceitual, análise lógica ou linguística), síntese, crítica, dialética (discussão crítica). Em geral, os filósofos não abordam questões no primeiro nível, diretamente, como o comum, mas em um segundo nível, mais geral e mais abstrato, porque devem sempre trazer as questões de volta ao nível dos princípios (valores básicos, escolhas metodológicas fundamentais, postulados ontológicos e gnosiológicos)”. Traduzido pelo autor.



Através dessas duas definições, percebe-se que a filosofia é uma operação intelectual que trabalha com conceitos abstratos e que tem como objetivo responder certas questões existenciais, às quais fazem parte do cotidiano do ser humano. Percebe-se que, para Tremblay, a filosofia se mostra racional e, concomitantemente a isso, se apresenta como crítica. Aqui, entende-se como racional pelo argumento do uso da razão ao entender os movimentos do intelecto; e como crítico, por possuir características de análise sobre as questões existenciais que acercam o ser humano, antes de qualquer julgamento.

Ela também responde às questões fundamentais, questões como:

- sobre a vida e a morte;
- o significado da existência;
- os valores individuais e sociais;
- as questões que englobam o conhecimento;
- a relação com as pessoas e todas as coisas que o cerciam, entre outras.

Essas discussões contribuem para que, ao longo do percurso (da sua trajetória de vida), as suas vivências possam ser melhor compreendidas, ou seja, que ao longo desse caminho, esse ser possa entender e com essa compreensão, possa conviver melhor com estas questões. Desta forma, pode-se dizer que a filosofia proporciona ao ser humano caminhos que viabilizem abranger algumas destas questões. Essas estão associadas a todos os campos e todas as coisas que cercam o ser humano. Para tanto, a questão da singularidade deve ser relacionada, onde ela se caracteriza por ser uma propriedade fundamental e individual, ou seja, única de cada ser humano, assumindo o papel de base dessas operações intelectuais. Assim, é necessário discutir acerca da filosofia propriamente designada para esta área, isto é, responder à seguinte questão: **no que consiste a filosofia clínica?**

## 2.2 FILOSOFIA CLÍNICA

Para responder a essa pergunta, sobre qual é a investigação feita pela filosofia clínica, Goya a conceitua da seguinte forma:



A Filosofia Clínica investiga o conceito de psicoterapia, buscando também um novo olhar sobre a ética nas relações com o outro, aquele com quem se partilha os cuidados terapêuticos. Seu esforço de reconduzir o pensamento a respeito, entretanto, não faz dela uma filosofia da psicologia, ainda que discuta métodos e fundamentações. Em seu esforço, a Filosofia Clínica possibilita a recondução do entendimento e da pesquisa tanto quanto inaugura métodos práticos de trabalho. (Goya, 2010, p. 27).

O autor, usa o conceito de práxis de alteridade para interpretar as visões de mundo do ser, dentro da perspectiva das psicoterapias:

A Filosofia Clínica é uma práxis de alteridade, que trouxe às psicoterapias todas as visões de mundo já pensadas nesses 2.500 anos de filosofia. Por se tratar de uma autêntica reflexão aberta, crítica a si mesma, ela é capaz de entender a subjetividade de quaisquer indivíduos, sem fugir a uma só manifestação existencial singular de ninguém. (Goya, 2010, p. 27).

Na perspectiva de Goya, existem duas questões fundamentais:

- A filosofia clínica investiga o conceito de psicoterapia, mesmo não sendo uma filosofia da psicologia.
- A filosofia clínica é uma práxis da alteridade, ou seja, a filosofia clínica é a prática da escuta do outro.

Primeiramente, para o autor, por ser uma psicoterapia<sup>4</sup>, a filosofia clínica considera vários elementos, dentre os quais: a subjetividade, a singularidade, a particularidade de cada ser humano. Na sequência, ainda sobre essa primeira questão, por não se tratar de uma psicologia, não aborda conceitos pré-definidos e/ou pré-estabelecidos, como por exemplo, o de normalidade e o de patologia, trazendo uma nova forma/abordagem de compreender o ser humano, ajudando-o a conviver com essas questões existenciais que permeiam toda a sua vivência.

Sobre a segunda questão, a práxis da alteridade, existem dois pontos que à ela são relacionados, dentro da perspectiva de Goya e relatado em seu livro ‘**A escuta e o silêncio**: osaber escutar e o saber silenciar’ (Goya, 2010). Para ele, o outro na perspectiva da filosofia clínica, detentor de uma singularidade e de uma particularidade próprias, viabiliza pela sua partilha todo o processo clínico.

A associação dessas duas ações permite ao terapeuta estabelecer uma compreensão de como as movimentações existenciais estão conectadas entre elas, e de que forma que esse ser lida com suas questões existenciais.

---

<sup>4</sup> O termo psicoterapia, desde 2010, não tem sido usado. O próprio sistematizador (Packter) tem usado a expressão “terapia existencial” em substituição ao termo “psicoterapia”, dentro da Filosofia Clínica.



Na filosofia clínica, o outro não é (e não pode ser interpretado) como um ser isolado, mas, entretanto, como um ser que deve ser interpretado na extensão da sua complexidade, abrangendo sobretudo o meio no qual está imerso/inserido, considerando toda a sua história de vida.

Para entender essas movimentações, Packter propõe que a filosofia pode ser usada como ferramenta mediadora neste processo, ajudando sobretudo na compreensão dessas movimentações, fazendo com que, a filosofia associada à terapia, permita que o ser possa ser interpretado/visto dentro dessa sua complexidade. Para tanto, Packter estabeleceu alguns conceitos básicos que permitem a contextualização da filosofia clínica, descritas em seu Caderno A:

a) O uso do conhecimento filosófico à psicoterapia; b) A atividade filosófica aplicada à terapia do indivíduo; c) As teorias filosóficas empregadas às possibilidades do ser humano enquanto se realiza por si mesmo. (Packter, 2020, p. 7).

Para Packter, a filosofia clínica é a própria filosofia aplicada à terapia, ou seja, na aplicação do método da filosofia clínica, o terapeuta usa o conhecimento baseado na filosofia e o aplica, na busca por uma terapia caracterizada por ser singular. Nesta perspectiva, Sendtko descreve a filosofia clínica como uma método filosófico, potencializando um processo terapêutico integrado, isto é, a Filosofia Clínica é uma metodologia filosófica de desenvolvimento de processos terapêuticos altamente personalizados, criados a partir e para cada sujeito atendido<sup>5</sup>. (Sendtko, 2019).

Observa-se que, tanto para Packter quanto para Goya, a definição e a interpretação da filosofia clínica como o uso da filosofia à terapia, ou seja, a filosofia clínica, com sua base teórica na filosofia convencional, busca encontrar os meios adequados que permitam uma aproximação, e conseqüentemente numa ajuda, permitindo a esse ser um melhor convívio com as suas questões existenciais.

Percebe-se também, que tanto um quanto o outro, não definem, por si só, a filosofia clínica etimologicamente, mas relatam de alguma maneira o objetivo dela, ao que ela tende, isto é, as suas finalidades. Isso permite entender que a compreensão do processo da filosofia clínica se encontra no seu próprio objetivo.

---

<sup>5</sup> Esta é uma definição dada à Filosofia Clínica por Gilberto Gilmar Sendtko, definição que este filósofo clínico usa nas conversas e debates sobre o tema, bem como nas suas aulas no Instituto Sendtko de Ensino Superior, com sede em Chapecó, Estado de Santa Catarina, Brasil.



Discutido e contextualizado os conceitos de filosofia e de filosofia clínica, se propõe a seguinte questão a ser respondida: **na filosofia clínica, quando é que se inicia o processo clínico?**

### 2.2.1 Na Filosofia Clínica, quando é que se inicia o processo clínico?

A filosofia clínica, sendo terapêutica, leva em consideração alguns pontos importantes, como as questões éticas e axiológicas, para melhor receber o partilhante que chega ao consultório buscando a ajuda do filósofo clínico para melhor entender, conviver e viver com suas questões existenciais. Iniciado o processo clínico, vários elementos devem ser levados em consideração, devido à importância que este momento tem<sup>6</sup>, tais como: a preparação do espaço de atendimento, o não agendamento e os cuidados que o terapeuta deve ter. Essa preparação, bem como os procedimentos que devem ser adotados, é discutido por Pedrosa (2017):

De um modo geral o início da atividade clínica exige, entre outras coisas, prudência e certos cuidados com a pessoa que se está atendendo: é importante estar sereno diante da interseção clínica, ter paz para trabalhar e para coletar ordenadamente, com método, os dados categoriais que mais tarde darão forma à Estrutura de Pensamento. (Pedrosa, 2017, p.08).

### 2.2.2 Etapas da clínica filosófica

Packter estabelece algumas etapas, indicando um caminho a seguir, propiciando ao filósofo clínico mecanismos que permitam compreender melhor o processo da partilha pelo partilhante, iniciando assim, o processo clínico.

Basicamente, o processo terapêutico, na Filosofia Clínica, se constitui de 4 macro etapas:

- a colheita da historicidade (objeto de análise deste artigo)<sup>7</sup>;
- as bases categoriais (que consistem em conhecer o universo no qual o partilhante está inserido)<sup>8</sup>;

<sup>6</sup> O tema será abordado com maior profundidade nos próximos trabalhos de pesquisa.

<sup>7</sup> Alguns autores adotam o termo colheita da historicidade, enquanto outros o termo colheita categorial. Neste trabalho, será mantido o primeiro termo, sempre respeitando o uso e referência ao segundo termo.

<sup>8</sup> Conhecer o universo do partilhante em filosofia clínica, se remete: o contexto social, político, econômico, cultural, educacional, familiar, suas relações, como lida com o tempo, com o próprio corpo, com o ambiente, com suas ideias, onde mora, em que trabalha, o que estuda, o que viveu.





- a identificação dos tópicos da estrutura de pensamento (EP) (tudo aquilo que habita a pessoa);
- a aplicação dos submodos (as formas como a pessoa vai existencialmente de um momento a seguinte, os modos como a pessoa lida com as suas questões existenciais.)<sup>9</sup>

A forma como se inicia o processo clínico, para alguns autores diverge. Essa etapa, possui, portanto, diversas linhas de pensamento além da proposta por Packter, como é abordado por Claus (2011):

[...] Outros autores dividem os passos da clínica filosófica colocando a Colheita Categorical ou Historicidade as Divisões e Enraizamentos no primeiro momento da clínica, sendo o segundo a montagem da Estrutura de Pensamento incluindo a Autogenia e a Análise da Estrutura, e no terceiro momento os Submodos. Outros colocam como primeiro momento a colheita do assunto imediato, que é o motivo pelo qual a pessoa se dirige a clínica, e posteriormente os outros procedimentos já citados. Contudo, todos os autores concordam que todos esses procedimentos devem ser alvo da clínica, independentemente de sua ordem ou numeração. (Claus, 2011, p. 14-15).

Claus usa o exemplo do procedimento sugerido por (Di) Paulo, M. Nichele:

Acredito que, por terem o objetivo de preenchimento de lacunas e esclarecimento de conceitos, e por seu conteúdo inúmeras vezes trazer elementos que serão estudados pelos Exames Categoricals é que alguns estudiosos da Filosofia Clínica os colocam como parte da Colheita Categorical. Como exemplo, podemos citar Paulo que em sua obra *Compêndio de Filosofia Clínica* traz ao leitor um capítulo à parte sobre esses procedimentos, definindo assim os procedimentos da clínica filosófica: 1º. Histórico; 2º. Dados divisórios; 3º. Dados divisórios específicos; 4º. Enraizamento; 5º. Estrutura de Pensamento; 6º. Autogenia; 7º. Planejamento clínico – Submodos. (Claus, 2011, p. 14 *apud* Paulo, 1999/2001, p. 30).

Através destes procedimentos, o filósofo clínico adquire dados que lhe permitem entender o mundo existencial do partilhante. Com isso, o terapeuta possui ferramentas que lhe permitem ajudá-lo a entender, compreender, conviver, redefinir e reorganizar as suas questões existenciais. Assim, cada um desses procedimentos necessita uma atenção especial por parte do filósofo. Na sequência, se tratará o tema central deste trabalho: **a historicidade como base de todo o processo clínico, na filosofia clínica.**

---

<sup>9</sup> Os submodos se dividem em dois grupos: os submodos formais e os submodos informais.





### 3 A HISTORICIDADE COMO BASE DA CLÍNICA

Como visto anteriormente, na aplicação da filosofia clínica pelo filósofo clínico alguns procedimentos ou etapas são seguidos. É importante salientar que estas etapas não fazem da filosofia clínica uma terapia fechada, mas constituem o método que deve ser aplicado. Isso quer dizer que a filosofia clínica não é uma terapia fechada e/ou pré-definida, mas uma terapia aberta. A exemplo disso, se pode citar os próprios procedimentos, que tornam a clínica ainda mais aberta, permitindo ao terapeuta se aproximar e conhecer melhor o partilhante.

Dessas etapas, a historicidade estabelece uma coleta de informações (partilha) do sujeito, permitindo ao filósofo clínico coletar dados fornecidos pelo partilhante, ajudando na montagem dos próximos procedimentos mencionados, sem direcionar, sem interferência do terapeuta, conforme descrito por Claus:

Em um primeiro momento, àquele em que estamos iniciando nosso aprendizado sobre a forma como colhermos a historicidade, somos orientados a adotar uma postura fenomenológica, ou seja, de suspensão de juízos, de acordo com o método fenomenológico husserliano, com vistas a que o partilhante conte sua história por ele mesmo e com o mínimo de agendamentos por parte do filósofo. (Claus, 2011, p. 15).

Percebe-se, dessa forma, que a historicidade tem uma grande relevância/importância em todo o processo da filosofia clínica, precisando ser colhida cuidadosamente/cautelosamente, pelo terapeuta.

Portanto, se propõe a seguinte questão de pesquisa: **por que a historicidade é vista ou pode ser considerada como base da clínica?**

A seguir, será discutido a etapa da historicidade: conceito, contextualização e o papel que ela tem dentro da filosofia clínica, para entender/discutir a questão acima proposta.

#### 3.1 HISTORICIDADE

A historicidade é o meio pelo qual o terapeuta acessa o mundo do partilhante que chega ao seu consultório, por isso esta história precisa ser contada pelo próprio partilhante



sem direcionamento da parte do terapeuta, salvo em algumas situações excepcionais<sup>10</sup>.

A variedade de autores da filosofia clínica trata desse tema, entretanto, esse trabalho levará em consideração o ponto de vista dos autores Packter, José Gabriel e Márcio José, Pedrosa, Claus, M. Nichele Di Paulo e Niederauer.

De acordo com o sistematizador Packter, a historicidade é: “Interpretação de fatos, conceitos, eventos na vida pessoal e suas implicações atuais e futuras (profilaxia) correlatas” (Packter, 2020, 67p.).

Ele acrescenta:

Seguramente, a historicidade é a maior fonte inicial de pesquisa para o filósofo clínico. Depois, durante toda a atividade clínica, ela se mantém como sólido alicerce. Incontáveis ocasiões acontecem para o filósofo retornar e retornar à historicidade. (Packter, 2020, p.19).

Em Packter, se constata que a historicidade tem seus impactos/implicações atuais e futuras na vida pessoal de cada sujeito em questão. Assim, a historicidade é a história contada em primeira pessoa, isto é, é a história de vida de uma pessoa contada por ela mesma, considerando o contexto existencial (base categorial) da mesma. Para ele, a historicidade se constitui na melhor base de dados que o terapeuta pode ter em mãos, lhe permitindo uma aproximação ao partilhante e conseqüentemente do seu mundo existencial. Dessa forma, a historicidade é um processo contínuo ao longo de toda terapia, permitindo ao terapeuta voltar constantemente à historicidade.

Para José Gabriel e Márcio José, a historicidade nada mais é do que uma edição da própria história contada pela pessoa, onde os critérios de lembrança desta história determinam aquilo que foi editado:

Historicidade é uma edição da história feita pela pessoa. É um dos primeiros mecanismos de edição desta história, tornando-a historicidade, é justamente os critérios de lembrança desta história, ou seja, é aquilo que você lembra. (Gabriel & José, 2015, p. 07).

Nota-se que os autores fazem uma diferenciação entre história e historicidade, que são coisas distintas. A historicidade está ligada intrinsecamente/diretamente à história por ser relatada como uma edição da própria história daquele sujeito, feito por ele mesmo, ligada às lembranças desse partilhante.

---

<sup>10</sup> Em filosofia clínica, os casos excepcionais citados se referem aos casos emergenciais que dizem respeito a casos em que o partilhante está debilitado fisicamente, psicologicamente e emocionalmente.



A historicidade, neste contexto, não deixa de ser uma etapa onde o partilhante faz uma retrospectiva das lembranças do seu mundo existencial. Para Paulo e Niederauer, a historicidade pode ser comparada a arqueologia:

A historicidade em filosofia clínica pode ser comparada à arqueologia. A palavra tem sua origem do grego “archai, arquero” que significa antigo, velho, arcaico; é a ciência que estuda monumentos e vestígios de civilizações antigas. A comparação diz respeito ao estudo do que é passado, do que já existiu, vestígios que podem ser tanto materiais, como imateriais, sentimentos, emoções, palavras, situações, pessoas, lugares, etc. (Paulo & Niederauer, 2013, p.32).

Já para Pedrosa, a historicidade ultrapassa o conceito de uma mera narrativa, e também é constituída pelas vivências do sujeito, além dos desdobramentos que se dão após o início da terapia, e que não são relatados ao terapeuta:

A historicidade não é apenas aquele relato que o partilhante faz diante do filósofo clínico, sem dúvida, aquele relato é parte da historicidade. A historicidade como um todo vai além daquela narrativa. Ela é constituída também daquilo que a pessoa vive fora do consultório com o filósofo clínico, daquilo que ela vai elaborando depois do que conversou com o filósofo clínico até a casa dela. A historicidade também envolve os desdobramentos que ocorrem antes de iniciar a clínica, a partir do movimento da historicidade no consultório e depois quando tudo já terminou formalmente. Então, a historicidade é um modo de estudo do que houve, é o relato a partir daquilo que é vivido pela pessoa: elementos, contextos, dados. (Pedrosa, 2017, p. 18).

Sobre a funcionalidade da historicidade, Pedrosa descreve-a como um instrumento que permite ao terapeuta conhecer o partilhante, organizadamente e concatenado com os dados:

A historicidade é o instrumento por onde geralmente começamos a conhecer o partilhante. É uma forma organizada de concatenar dados, conteúdos para que o filósofo clínico possa conhecer melhor a pessoa com quem vai trabalhar. A historicidade é a história do sujeito vista por ele mesmo. Algumas pessoas vão narrar a sua historicidade pontuando aspectos que foram importantes para ela, outras vão contar só o que disseram delas, outras contam a historicidade pelo que ouviram falar, outras contam por aspectos irrelevantes, cada uma conta de um jeito, alguns mentem, fazem da sua historicidade um conto de fadas. O que o filósofo clínico vai tentar entender são os tópicos da Estrutura de Pensamento da pessoa através da historicidade dele. (Pedrosa, 2017, p. 18).



A autora enfatiza que a maneira/forma como é contada essa historicidade depende da singularidade de cada ser/sujeito, representadas pelas suas lembranças, as quais estão projetadas em suas vivências. Entretanto, outras a partir do que ouviram dizer delas e/ou a partir de uma visão de mundo. No entanto, isso não torna a historicidade separada do contexto histórico do partilhante, mas, do que ele se lembra ao narrar sua história de vida.

Marta Claus, descreve a historicidade como um mundo histórico, portanto todo mundo histórico tem sua historicidade: “Quanto a historicidade, essa diz respeito ao modo do ser no mundo histórico e nesse sentido podemos dizer que qualquer ser no mundo histórico tem a sua historicidade” (Claus, 2011, p.127). Essa definição traz um ponto essencial, que é um conceito considerado como um dos pilares da filosofia clínica: a singularidade. Portanto, a historicidade é única, ou seja, ela pertence a cada ser, sendo que a historicidade de um indivíduo é e sempre será diferente de um outro indivíduo, ressaltando a importância que a singularidade tem dentro da filosofia clínica.

Nessa perspectiva, todo ser humano está inserido numa base categorial, de acordo com suas vivências próprias, suas particularidades individuais, associado-as a outras características, não cabendo a ideia de patologia<sup>11</sup> na filosofia clínica, deixando de ser uma psicologia.

### 3.2 HISTORICIDADE BASE DO PROCESSO DA FILOSOFIA CLÍNICA

A historicidade em filosofia clínica, é o procedimento pelo qual o partilhante traz e/ou faz uma edição da sua história de vida, desde as mais remotas até as mais recentes. Contudo, os elementos descritos anteriormente, indicam que a historicidade se constitui na fonte primária e mais importante de informações acerca do partilhante, norteando o terapeuta ao longo do processo clínico. Assim, sem ela, o terapeuta não consegue acessar (via narrativa) o mundo existencial do mesmo. A partir dela se dará a elaboração dos outros procedimentos clínicos, fazendo da historicidade a base de sustentação da terapia. Isso pode ser percebido pelo relato de Carvalho (2005) em sua obra ‘Filosofia Clínica, estudos de fundamentação’:

<sup>11</sup> Paulo & Niederhauer, apud Packter “[...] Packter define essa questão dizendo: a clínica filosófica não diz respeito aos aspectos da saúde, da normalidade, da patologia, não determinante; diz respeito aos aspectos existenciais, entre os quais podemos incluir o que a medicina tem por doença. Isso significa que se a pessoa anulou (cancelou), matou, extirpou, detonou um tópico como o T4 (Emoções) da vida dela, não quer dizer que ela é anormal, doente, reprimida ou qualquer outra coisa. Quer dizer apenas que por decorrência do que ela viveu aconteceu isso.”



As teorias psicológicas atribuem importância à história da pessoa, investigam as experiências que tiveram, o modo como aprenderam a se relacionar consigo mesmas e com o que se passa à sua volta. Cada teoria procede a esta investigação de um modo próprio. Na filosofia Clínica este contato inicial, filósofo e partilhante, é considerado a base de todos os outros procedimentos (Carvalho, 2005, p. 19).

De fato, sem a historicidade, ou seja, sem essa narrativa existencial e inicial, sem essa edição da história de vida do partilhante, as outras etapas da clínica se tornam inviáveis. Daí a importância de evitar quaisquer agendamentos e/ou contaminações.

Portanto, pode-se concluir que o terapeuta dedica uma atenção especial durante a colheita da historicidade, dando, com isso, sustentação ao transcorrer de toda a clínica filosófica, fundamentando-a clínica, como pode ser visto em Claus:

De acordo com os pressupostos da Filosofia Clínica a historicidade do partilhante é o que fundamenta, o que dá sustentação à clínica filosófica. Mas fundamenta a clínica como, de que forma? Ora, é na historicidade do partilhante, colhida através da interseção, que se encontram os elementos para poder se avaliar, identificar, relacionar, perceber, os possíveis choques categoriais ou tópicos que se apresentarem durante a clínica (Claus, 2011, p.15).

#### 4 CONSIDERAÇÕES

A colheita da historicidade é o momento em que a história de vida de um determinado partilhante é narrada por ele mesmo, desconsiderando os casos de exceção. Neste trabalho, nos propomos discutir o papel da historicidade na filosofia clínica. Ela é o ponto central na perspectiva da filosofia clínica, ou seja, é a base de todo o processo, porque sem ela não há acesso ao mundo existencial do partilhante e conseqüentemente não há como conhecê-lo<sup>12</sup>. Para tanto, essa etapa representa o início da terapia. Com isso, se viabiliza o desenvolvimento dos procedimentos subsequentes, permitindo ao terapeuta acessar o mundo existencial do partilhante.

Assim, essa narrativa é essencial, fundamental e necessária, proporcionando uma série de dados que podem ser determinantes na terapia e conseqüentemente, a extração de informações que permitam ao terapeuta a montagem da estrutura de pensamento e dos planejamentos clínicos. Dessa forma, a colheita da historicidade é a fonte de dados de

---

<sup>12</sup> Em filosofia clínica, conhecer o outro significa conhecer por aproximação, devido a impossibilidade de se conhecer um ser na sua totalidade.



maior confiabilidade deste processo, evitando que a filosofia clínica seja uma terapia de opinião (pressupostos), isto é, ela é uma terapia que tem foco na singularidade do partilhante e não no julgamento pessoal do terapeuta (questões de padrão de normalidade).

Além disso, a historicidade assume papel central dentro da filosofia clínica, fazendo com que os outros procedimentos orbitem ao seu redor, possibilitando ao terapeuta uma reelaboração dos outros procedimentos (planejamentos clínicos e da montagem da estrutura de pensamento) conforme novos dados são apresentados, ou seja, realizando constantes atualizações no processo clínico. Portanto, pode-se concluir que as características apresentadas (essencial, fundamental, necessária) fazem da historicidade o procedimento base do processo filosófico clínico.

## REFERÊNCIAS

AIUB, M. **Para entender filosofia clínica: o apaixonante exercício do filosofar**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

CARVALHO, José Maurício. **Filosofia clínica estudos de fundamentação**. São José Del-Rei: UFSJ, 2005. 321p.

GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica = *Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy*** / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422p.

HADOT, Pierre. ***La philosophie comme manière de vivre***. Albin Michel, 2009.

LIMA, José Gabriel de Oliveira; SILVA, Márcio José Andrade da (Orgs.). **Apostila 1 – Introdução à Filosofia Clínica**. Campinas-SP: Instituto de Filosofia Clínica de Campinas e Região, 2015. 48 p. Disponível em: <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-01-apostilas-introducao-em-filosofia-clinica/contents/5e2097b63cb6320037929de2/>. Acesso em: 20 out. 2022.

MAGALHÃES, Marta Claus. **A possibilidade da historicidade do partilhante como fundamentação teórica da prática clínica**. 2011. 127 f. Tese (Doutorado em Filosofia – Área de Concentração Filosofia Clínica) – Instituto Packter, Porto Alegre, 2011.

MONOD, Jean-Claude. ***Métaphore absolue et mythe sans fin: La lumière, les ombres, l'aveuglement. Cahiers philosophiques***, n. 3, p. 19-35, 2010. Disponível em: [https://scholar.archive.org/work/uoannm5sobbjdnjqtvndiu23by/access/wayback/https://www.cairn.info/load\\_pdf.php?ID\\_ARTICLE=CAPH\\_123\\_0019&download=1](https://scholar.archive.org/work/uoannm5sobbjdnjqtvndiu23by/access/wayback/https://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=CAPH_123_0019&download=1). Acesso em: 23 ago. 2023.

NARCY, Michel. ***La sophistique, une manière de vivre? Philosophie antique***.



*Problèmes, Renaissances, Usages*, n. 8, p. 115-155, 2008. Disponível em:  
<https://journals.openedition.org/philosant/pdf/4579>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PACKTER, Lúcio. **Cadernos de Filosofia Clínica**. In: Caderno H. p. 11. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A, Filosofia Clínica**, Porto Alegre: Mikelis, 2020. 67p.

PACKTER, Lúcio. **Propedêutica**. 3<sup>a</sup>.ed. Florianópolis: Garapuvu, 2001. 176 p.

PACKTER, Lúcio. **Semiose - aspectos traduzíveis em clínica**. Fortaleza: Gráfica e Editora Fortaleza, 2002. 100 p.

PAULO, Margarida N.; NIEDERAUER, Mariza Z. **Compêndio de filosofia clínica: caso Nina**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013. 306 p.

PAULO, Margarida N. **Compêndio de Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1999/2001.186 p.

PEDROSA, Rose. **Historicidade: narrativa existencial**. Porto Alegre: Mikelis, 2017. 36p.

PEDROSA, Rose. **Vocabulário técnico da Filosofia Clínica**. Fortaleza: Penso, 2009.

PROCESSOS terapêuticos altamente personalizados. Direção: Gilberto Sendtko. Produção: Gilberto Sendtko. Chapecó: **Instituto Sendtko**, 2019. 1 vídeo (1 min 25 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pk8tBuhlJrE>. Acesso em: 18 de ago. de 2021.

REVEL, Jean François. *Histoire de la philosophie occidentale – Tome 2*. Paris: Stock, 1970. 523 p.

ROSSATTI, Gabriel Guedes. *Leur philosophie est pour les autres; il m'en faudrait une pour moi: Kierkegaard and the development of existenz-philosophy*. **Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, v. 16, n. 1, 2014.

Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/download/12384/10851/22390>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SANTOS, Kélsen André Melo dos. Tópico 19 - Singularidade Existencial. 2021, p.150-162. In: FERNANDES, Cláudio. et al. (Orgs.). **Filosofia Clínica - Tópicos**. São Paulo: Recanto da Filosofia Clínica, 2021. 277p.

SCHMAELTER, Matheus Maia. Filosofia clínica - aplicação terapêutica da filosofia. **InfoEscola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/filosofia-clinica>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SENDTKO, Gilberto. **Autoria existencial I - quem escreveu a história da sua vida?**. Jornal Voz do Oeste, Chapecó/SC, p. 6 - 6, 09 maio 2016.





SENDTKO, Gilberto. **Autoria existencial II** - quem escreveu a história da sua vida?  
II. Jornal Voz do Oeste, Chapecó/SC, p. 8 - 8, 13 maio 2016.

TREMBLAY, Raymond-Robert. *Brève réponse à la question: qu'est-ce que la philosophie?*, 1994.

---

\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC –  
Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-ML1-FC). E-mail: [josue2015@yahoo.fr](mailto:josue2015@yahoo.fr)